



Outubro Rosa

entrevista especial



ELIANI
OLIVEIRA



Neste 'Outubro Rosa', a Companhia Docas do Rio de Janeiro (CDRJ) traz mais uma experiência pessoal de luta contra o câncer de mama. O intuito é promover a conscientização de seus colaboradores sobre a doença e a importância dos exames preventivos, pois a descoberta precoce é um dos fatores determinantes para um tratamento bem-sucedido.

Nossa convidada especial para esta segunda entrevista é Eliani Alves de Oliveira, 62 anos, que é técnica de serviços portuários na Superintendência de Gabinete da Presidência (SUPGAB) da companhia. Em um depoimento sensível, ela conta que "a notícia do diagnóstico foi devastadora, mas a fé em Deus fez toda a diferença". Nessa difícil batalha, ela acredita que "é vital querer viver e vencer".

Com a vivência do câncer e do processo para alcançar a cura, Eliani disse que "passou a valorizar as pequenas coisas da vida" e recomenda a todos que não deixem jamais de fazer os exames preventivos: "Um câncer detectado no início tem tratamento, não é uma sentença de morte". Ela lembra ainda que "a família e os amigos são importantíssimos na recuperação, pois não tem como vencer essa doença sozinho".

Leia a entrevista na íntegra:

1 - Como era sua rotina antes da descoberta do câncer de mama? Conseguia fazer a mamografia periodicamente e outros exames preventivos?

A minha rotina sempre foi muito intensa. Cuidar de casa, mãe, filha e dar suporte a outros familiares próximos. Sempre fui cuidadosa com a minha saúde, fazendo os meus exames de rotina anualmente, principalmente mamografia e ultrassonografias.

2 - Como você desconfiou e, depois, descobriu que estava com câncer de mama?

O meu câncer foi detectado numa mamografia. Realizei o exame em 2015 e, no ano seguinte, lá estava ele (o nódulo). Isso é um alerta para não deixarem de fazer os exames periodicamente. Também notei a minha mama mais sensível e uma coceira incessante.

3 - Como você lidou com o impacto do diagnóstico?

A notícia é devastadora. Fiquei sem chão, ainda mais tendo uma filha menor e com minha mãe idosa, ambas dependendo de mim. Sempre fui uma mulher de muita fé, e a minha fé em DEUS fez toda a diferença. Além disso, tive total apoio da família e dos meus amigos, que sempre estiveram presentes.

4 - Como foi seu tratamento e quanto tempo durou?

Fiz a cirurgia em maio de 2016 e, no final do mês de junho, iniciei meu tratamento. Foram 8 sessões de quimioterapia da série vermelha e 12 sessões de quimioterapia da série branca. Em janeiro de 2017, iniciei a radioterapia (25 sessões).

5 - Além da doença física, o câncer traz um problema emocional também. Quais sentimentos e pensamentos mais te abalaram?

No início, o emocional fica muito abalado, porém, não precisei de acompanhamento profissional. Fui muito positiva e precisava ser maior que a doença. Não podemos nos entregar jamais, temos que ter positividade e nos posicionar diante dessa terrível doença. Não é fácil, mas nem sempre é uma sentença de morte, a medicina evoluiu muito. Mas é vital querer viver e vencer.

6 - Precisou se afastar do trabalho por quanto tempo? Acredita que voltar à rotina ajudou no bem-estar emocional?

Inicialmente, o meu médico me deu seis meses de licença, mas retornei após três meses de licença. Realizei as 12 sessões de quimioterapia trabalhando e eu fazia as sessões de radioterapia na parte da manhã e depois retornava ao trabalho. Na época, tive um enorme apoio por parte da minha chefia (GERGOB/SUPENG). A volta ao trabalho fez muita diferença, porque me deu ânimo. Senti que ficar em casa estava me deixando desmotivada, 'curtindo' a doença. Precisava voltar ao trabalho, a minha rotina, precisava sentir a vida voltando ao normal.

7 - Algumas pessoas abordam questões que podem incomodar o paciente. Quais assuntos você acredita que podem ser evitados pelos parentes, amigos e colegas?

Não posso evitar as questões relacionadas ao câncer, por mais incômodas que sejam. A partir do diagnóstico, você passa a conviver com isso. De seis em seis meses, tenho que fazer os exames periódicos e fico apreensiva até a minha oncologista ler os exames e dizer que está tudo ótimo. O cabelo é tudo na vida de uma mulher, mas hoje estou numa nova fase e o cabelo ficou em segundo plano, pois passei a valorizar outras coisas, as pequenas coisas. Hoje, para mim, a maior vaidade é poder desfrutar a vida com saúde, viajar, sair com as amigas, curtir a minha família, trabalhar, ir à igreja, me sentir viva.

8 - Considerando a sua experiência pessoal como paciente, quais conselhos relativos à prevenção e detecção precoce você daria?

Não deixem jamais de fazer os exames preventivos, se toquem, isso faz toda a diferença. Um câncer detectado no início tem tratamento, não é uma sentença de morte.

9 - Qual mensagem passaria às mulheres que estão enfrentando o diagnóstico/tratamento do câncer de mama?

Não desistam! O impacto do diagnóstico é cruel, mas não pode tirar a sua vontade de viver. Seja qual for a sua religião, apeguem-se a ela. Tenham sempre fé. Fiquem em vigilância constante. E busquem apoio se necessário. A família e os amigos são importantíssimos na recuperação, pois não tem como vencer essa doença sozinho.

10 - Você acredita que campanhas como 'Outubro Rosa' podem ajudar efetivamente na conscientização sobre a importância da prevenção e diagnóstico precoce da doença?

Acredito e apoio totalmente as campanhas, porque servem de alerta.